

## REFLEXÕES SOBRE A FINITUDE HUMANA A PARTIR DE SANDMAN

Jaqueline Gomes Ribeiro de Andrade<sup>1</sup>  
Maria da Conceição de Almeida<sup>2</sup>

### RESUMO

A reflexão deste trabalho trata de uma série de histórias em quadrinho-HQ nas quais Sandman, o rei dos sonhos e governante do sonhar, seu reino, é o personagem principal. As histórias se passam enquanto ele exerce suas funções de fazer as criaturas vivas sonharem e se relaciona com seus irmãos, os perpétuos, que também tem funções ligadas à humanidade. Uma de suas irmãs é a Morte, que exerce a função de encerrar a vida. É a partir das histórias da Morte como fonte-objeto que se buscará direcionamentos de como aprender a viver depois da morte de um ser amado em nossas vidas. Os humanos necessitam de artifícios para encarar a grande brecha antropológica que é a morte e por isso constroem narrativas. O principal objetivo deste trabalho é refletir sobre a personagem Morte dos quadrinhos Sandman de Neil Gaiman, autor britânico do gênero de literatura fantástica, como referência literária para respostas apaziguadoras diante da tragédia da morte na vida humana. Utiliza-se como aporte teórico-metodológico para entender a morte como parte da vida e a contribuição da literatura como estratégia importante para o entendimento do sujeito em relação a morte, os interlocutores teóricos: Jacques Delors e Edgar Morin. O primeiro aborda os quatro pilares da Educação como princípios organizadores da cultura e, simultaneamente, da vida; o segundo aponta a estética como potencial enriquecedor da condição humana capaz de fazer desabrochar a sublimidade que produz o encantamento e apascentar as inquietudes do viver, como por exemplo as dores causadas pela incerteza existencial da morte. Como resultado aponta-se a estetização das experiências de morte como meio capaz de mitigar o traumatismo da morte.

**Palavras-chave:** Morte, Sandman, Quadrinhos, Aprender a ser, Aprender a viver.

### INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

A morte é um acontecimento da condição humana e mora nas nossas consciências desde tempos remotos carregada de preocupação. A vasta literatura sobre o tema é um testemunho dessa preocupação, além das outras tantas formas de arte que a expressam.

Na arte há muitas idealizações sobre a forma da morte: “A morte, surda, caminha ao meu lado e eu não sei em que esquina ela vai me beijar, com que rosto ela virá?” (Seixas, Souza, 1976). O rosto da morte que se discutirá nesta pesquisa é a personificação da morte nas histórias em quadrinhos-HQ Sandman, de Neil Gaiman.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [espelhosimbolico@gmail.com](mailto:espelhosimbolico@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [calmeida17@hotmail.com](mailto:calmeida17@hotmail.com).

<sup>3</sup>Artigo fruto do projeto de pesquisa em andamento no Programa de Pós Graduação em Educação – PPGED/UFRN.

Morte é um dos personagens mais queridos e populares das histórias em quadrinhos intituladas “Sandman”, que também é o nome do personagem principal da HQ e que divide o palco com seus irmãos, os perpétuos, sendo ao todo sete: Destino, Morte, Sonho (Sandman ou Morfeus), Destruição, Desejo, Desespero e Delírio.

As primeiras publicações de Sandman foram entre os anos 1989 e 1994, pela Vertigo, que era um selo da editora DC Comics, esse selo da editora se dedicava às publicações de quadrinhos com conteúdo adulto. Logo os quadrinhos se tornaram um sucesso, tanto que a HQ foi lançada como série na Netflix em 05 de agosto de 2022 para o público adulto.

A personagem tornou-se tão popular e querida pelos fãs que teve suas histórias reunidas em edições próprias, uma das quais se inspira está pesquisa é a tradução brasileira de 2006, por Ana Ban. Morte passa um dia na Terra a cada século, como ela mesma explica na história “O Alto Preço da Vida” (Ban, 2006), para aprender sobre as vidas que ela encerra.

Morte declara, na história “Um conto de inverno” (Gaiman, 2014), que pensava ter o trabalho mais difícil pois, as pessoas ficam satisfeitas em nascer como se fosse obra delas, mas magoadas, abaladas, tristes e até furiosas ao morrer mesmo quando sua morte era causada por elas mesmas e muitas vezes era. Isso foi deixando Morte muito chateada ao ponto de ela desistir de seu ofício há muito tempo, antes da criação do nosso mundo. Ela conta que foi convencida por um jovem a olhar para o caos que havia se instalado porque nada mais morria e assim ela decidiu voltar ao trabalho.

Ao levar a vida de uma garotinha que olhou para ela e perguntou se ela ia gostar daquela situação, magoada com as palavras, Morte decidiu que viveria como mortal um dia por século para aprender. Ao conhecer vários mundos e muitas pessoas aprendeu muito e esse aprendizado faz-a adorar seu trabalho e ela continua aprendendo com essas experiências ao longo de sua vida. Assim como nós também passamos a vida aprendendo na educação formal ou informal, com as experiências vivenciadas no cotidiano, pois o aprendizado ao longo da vida é natural e também uma postura imposta pela sociedade:

Hoje em dia, ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes, mesmo que a educação inicial dos jovens tender a prolongar-se. (Delors, 1998, p. 103).

Aprendemos para muitas finalidades, inclusive para “aprender a ser”, que é um dos pilares da aprendizagem defendidos por Jacques Delors através da Comissão Internacional sobre Educação do Século XXI, no Relatório para a UNESCO. E uma das fontes de aprendizado indicadas por Delors para aprender a ser é a arte: “na escola, a arte e a poesia deveriam ocupar um lugar mais importante do que aquele que lhes é concedido, em muitos países, por um ensino tornado mais utilitarista do que cultural” (Delors, 2003, p. 100). Por isso se faz pertinente a escolha de uma obra de arte para se discutir sobre a morte.

Além disso, quanto mais profunda a experiência cultural dos professores melhor será a experiência de seus alunos em compreender que o ensino não precisa ser utilitarista. Ele nos serve por ele mesmo, para nossas vidas, pois linguagens como cinema, literatura, arte visuais, música, não servem apenas como objeto de análise, mas também como escolas de vida. (Morin, 2003).

Aprender a ser também abarca a dimensão da estética: “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade” (Delors, 2003, p. 99), que está intimamente ligada a arte, mas excede seus domínios.

Análogo ao que Delors trata por aprender a ser, Edgar Morin trata por aprender a viver, que se utiliza das fontes culturais e artísticas para subsídio do sujeito em se conhecer, reconhecer seus dilemas na arte (em vidas de personagem, por exemplo), se compreender e ao outro: “trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (Morin, 2003, p. 45).

Para entender a morte como parte da vida e a literatura (na obra particularmente escolhida) como contribuição para o entendimento do sujeito em relação a morte, se propõe usar, principalmente, as categorias: aprender a ser por Jacques Delors (2003), traumatismo da morte (1970), aprender a viver (2003) e a estética (2017) por Edgar Morin.

Esta é uma investigação sobre como “aprender a ser” (2003), “aprender a viver” (2003) depois da crise inaugurada pela morte em nossas vidas. E para essa reflexão trataremos das histórias da Morte de Sandaman. De como as vivências de Morte entre os humanos oferecem contribuições, inspirações, aprendizagens considerando a literatura como retrato da experiência humana.

## METODOLOGIA

O trabalho metodológico se baseia na reflexão e interpretação das histórias da Morte, de Neil Gaiman, a partir de pesquisa qualitativa e bibliográfica. As teorias e conceitos utilizados serão: a relação entre arte e aprender a viver defendida por Edgar Morin (2003), somada ao seu entendimento sobre estética (2017), traumatismo da morte (1970) e ao conceito aprender a ser de que nos fala Jacques Delors (2003). Categorias que serão trabalhadas ao longo do texto da pesquisa junto aos trechos dos textos da Morte, de Sandman, para construção teórica que se propõe. Os trechos serão selecionados com base na analogia de seus diálogos com os conceitos teóricos supracitados. Para demonstrar a relação metodológica com as teorias que fundamentam esta proposta de pesquisa, bem como com os objetivos deste trabalho.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os seres humanos são criaturas sociais o que significa dizer que se inter-relacionam; sem esta intersubjetividade haveria *homo sapiens*, mas não seres humanos, pois estes se constroem humanos ao longo da vida e através das relações, destas relações nasce a cultura. Na medida em que nos relacionamos, naturalmente desenvolvemos cultura e os produtos da cultura, como a arte, por exemplo. O sapiens-demens é o que devaneia, imagina, delira, portanto, cria arte:

Trata-se de um ser de uma afetividade imensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, embriagado, estático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte e não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser submetido ao erro, ao devaneio, um ser híbrico que produz a desordem. E como chamamos loucura à conjunção da ilusão, do descomedimento, da instabilidade, da incerteza entre real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro, da desordem, somos obrigados a ver o Homo sapiens como Homo demens. (Morin, 1973, p. 123-124).

Porém, mais que produtos culturais existe uma relação entre a arte e a vida do ser humano: “Tanto para o autor como para o leitor, os personagens do romance são seres vivos. É efetivamente a “inspiração”, o “transe” criador que lhes dá vida, é a participação estética do leitor que lhe restitui essa vida.” (Morin, 2017, p. 56).

A dimensão estética extrapola os produtos artísticos das culturas, ela não está presente apenas na vida dos artistas, mas nas vidas anônimas pois, todos experimentamos o lado poético, além do lado prosaico da vida. Sobre estética podemos entender: Estado estético: emoção poética específica, prazerosa ou feliz, provocada por um espetáculo da natureza, um acontecimento, uma conduta humana ou uma obra de arte. (Morin, 2017, p. 96-97).

Assim podemos compreender que todas as pessoas experimentam o estado estético e necessitam dele pois, não somos seres de vivências apenas prosaicas, utilitárias:

a necessidade de poetizar a vida em uma estetização desejada da existência. Assim, após ter estetizado a natureza, tentamos estetizar nossas próprias vidas, ou seja, dar a elas um sentido poético, e até mesmo fazer de nossas vidas, por mais ilusório que isso possa parecer, uma “bela” aventura (Morin, 2017, p. 30).

E porque buscar sentido, esse (re)aprender a ser e a viver depois que a morte acontece nas nossas vidas, em uma HQ? Geralmente, o ser humano necessita aprender, contando para si uma história que dê sentido a sua vida e que se expressa na ficção, pois a literatura nos tira do mundo e nos ensina a viver no mundo, sempre sabendo que podemos de novo escapar do mundo adentrando em inúmeras histórias:

sem dúvida, a função essencial da verdadeira literatura se resume a isso: mostrar a experiência anônima da humanidade traduzida em forma de saber e de conhecimento, tantas vezes deixada de lado pela atividade acadêmica e intelectual, e hoje tão necessária para educar e educar-nos.” (Morin; Ciurna; Motta, 2003, 21).

A literatura tem o potencial de suscitar uma identificação no ser humano fazendo-o aprender por analogia entre sua vida e a dos personagens, muitas vezes de forma mais clara do que um livro teórico. Tema angustiante, a morte, representa um trauma intrinsecamente antropológico: “O complexo da perda da individualidade é, portanto, um complexo traumático, que rege todas as perturbações provocadas pela morte, e a que chamaremos nesta obra o traumatismo da morte.” (Morin, 1970, 33). E a literatura de ficção por sua natureza livre pode falar de traumas de maneira poética, estética mitigando a angústia inerente a eles.

Depois da tragédia da morte os seres humanos buscam, muitas vezes, (re)aprender a viver diante da mudança, desordem, fragilidade causadas pela morte. Buscam em suas vidas algo que lhes dê um sentido e que pode ser encontrado:

Pode descobrir a manifestação de suas aspirações, seus problemas, suas verdades, não só nos livros de idéias, mas também, e às vezes mais profundamente, em um poema ou um romance. Livros constituem “experiências de verdade”, quando nos desvendam e configuram uma verdade ignorada, escondida, profunda, informe, que trazemos em nós, o que nos proporciona o duplo encantamento da descoberta de nossa verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, que se acopla a nossa verdade, incorpora-se a ela e torna-se a nossa verdade. (Morin, 2003, p.48).

Todo ser humano é o protagonista da sua própria história, cada pessoa, cada personagem dos mitos, contos de fadas, HQs, das histórias que chegam as multidões, hoje pela Netflix, (como uma das maiores plataformas virtuais do mundo de contação de histórias através de filmes e séries) são esses os protagonistas e a educação é essencial no seu desenvolvimento:

este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola do nascimento até à morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Nesse sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade (Delors, 2003, p. 101).

Aprender a ser versa sobre como usar o conhecimento para se tornar um ser humano, para a construção das nossas identidades, para nos conhecermos, nos compreendermos e nos tornarmos melhores:

*Aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento, e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidões para comunicar-se. (Delors, 2003, p. 102).

É próprio da educação tanto no aprender a ser de Delors como no aprender a viver de Morin a tarefa de conhecer a si próprio:

O aprendizado da vida deve dar consciência de que a “verdadeira vida”, para usar a expressão de Rimbaud, não está tanto nas necessidades utilitárias – às quais ninguém consegue escapar –, mas na plenitude de si e na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão ao mesmo tempo, e, mais amplamente, a mobilização de todas as aptidões humanas. (Morin, 2003, p.54).

Por isso, este trabalho se propõe a investigar nas histórias da Morte de Sandman as respostas estéticas que a ficção pode oferecer como caminhos para mitigar o traumatismo da morte, pois:

Enfim, a poesia da vida como expansão, comunhão, plenitude, afasta-se do divertimento. Ela não nos salva da morte, mas com o amor que ela integra e que a integra, ela é a única resposta verdadeira para a própria morte. (Morin, 2017, p. 100).

Diante disso, nos serviremos aqui principalmente de Edgar Morin (2003), que nos assegura sustentar as relações entre arte e aprender a viver. Edgar Morin (2017), que nos guiará o olhar estético na HQ escolhida, Edgar Morin (1970) que nos esclarecerá sobre o traumatismo da morte e Jaques Delors (2003), que nos fala sobre aprender a ser.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com o referencial teórico adotado, entende-se que o ser humano sofre de um traumatismo da morte, que tem desdobramentos na vida e atividades humanas:

A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, único, mais a dor é violenta. (Morin, 1997, p. 32).

Para lidar com esta dor emerge a arte como uma das portadoras do sentimento estético que faz parte da vida e dá sentido a ela. (Morin, 2017).

O sentido produzido pela estética faz o humano voltar-se para ela como uma resposta possível para apaziguar o traumatismo da morte. Como exemplo dessa busca de resposta, de consolo, de superação temos a expressão, em linguagens artísticas diversas, do tema morte. A música, a pintura, a literatura, são algumas dessas linguagens que veiculam os sentimentos estéticos da humanidade em relação a morte: “Oh morte, tu que és tão forte, que matas o gato, o rato e o homem vista-se com a tua mais bela roupa quando vieres me buscar” (Seixas, Souza, 1976).

Temos necessidade que a morte tenha alguma beleza. A personagem Morte de Neil Gaiman é uma garota jovem, simpática e sensível em relação às vidas que encerra:



Fonte: Acervo pessoal digitalizado.

A vida prosaica não é suficiente para preencher todas as necessidades humanas, somos também subjetivos, seres feitos também de ficção e sem essas subjetividades não seríamos humanos, pois: “A gente não quer só comida, A gente quer comida, diversão e arte”. (Antunes; Fromer; Brito, 1987). A arte nos responde inclusive às angustias da morte, como é o caso da existencia da personagem Morte em Sandman para falar do assunto.

Nós não somos únicos em nossos sentimentos, o medo da morte em uma pessoa habita também em muitas outras, já que:

educadores, cientistas e pesquisadores são, como todos os cidadãos do planeta, movidos por desejos fundamentais, pela ira inesperada, pelas dores e alegrias de qualquer ser humano. Esses elementos (desejos, iras, dores e alegrias) estão presentes, pelo menos parcialmente, na obra de qualquer autor, ou então o intelectual estaria no reino absoluto da racionalização, expressão patológica da razão. (Almeida, 2019, p. 131).

Todas as produções artísticas do nosso mundo são uma prova da necessidade humana de escapar e descansar (por vezes) da realidade. Pois, a realidade sem a ficção, o delírio é incompleta, sem sentido e sufocante: “Lembra que o sono é sagrado e alimenta de horizontes o tempo acordado de viver” (Guedes; Bastos, 1978). São os sonhos dormindo ou despertos que alimentam a vida, pois a ficção é o verso da realidade como a morte é o verso da vida: “o par morte-vida é indissociável e a única imortalidade possível reside na mudança, isto é, na mutação, na metamorfose.” (Morin, 1970, p. 323).

Que metamorfose podemos ser capaz de operar diante da morte, se a arte nos dá respostas, mas não somos uma sociedade só de artistas? Não somos uma sociedade só de artistas mas, todos somos capazes de sentimentos estéticos. A arte é apenas uma expressão desses sentimentos dos quais todos somos compostos.

Assim o acontecimento da morte em nossas vidas, quando a morte leva alguém que amamos, podemos estetizar esse acontecimento. Preservamos objetos dos entes queridos, fotos,



fazemos rituais, eternizamos pela oralidade de geração em geração as histórias e falas emblemáticas daquele ser que a morte não mata nas nossas memórias e sentimentos. Por que fazemos isso? Para nós, geralmente, é cedo à partida de quem amamos: “Ainda é cedo, amor, mal começaste a conhecer a vida, já anuncias a hora de partida, sem saber mesmo o rumo que irás tomar” (Cartola, 1976).

Figura 02- Morte: O Grande Momento da Vida. Capítulo dois: Soluções Imaginárias.



Fonte: Acervo pessoal digitalizado.

Então, eternizamos nossos amores levados pela morte através de nossos sentimentos e atitudes estéticas. Reside aí a importância da valorização cultural como processo educativo, pois:

A esse propósito, em vez de ignorar as séries de televisão – enquanto os alunos se instruem por elas –, os professores mostrariam que, por meio de convenções e visões estereotipadas, elas falam, como a tragédia e o romance, das aspirações, temores e obsessões de nossas vidas: amores, ódios, incompreensões, mal-entendidos, encontros, separações, felicidade, infelicidade, doença, morte, esperança, desespero, poder, traição, ambição, engodo, dinheiro, fugas, drogas. (Morin, 2003, p. 80).

E assim aprendemos a ser, a viver e a mitigar a dor da morte com o auxílio da ficção, que proporciona experiências estéticas capazes de nos ensinar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se pois, que aprender a ser e a viver passa pela experiência estética como fonte de aprendizados e essa experiência precisa ser valorizada e recorrida. O traumatismo da morte é comum na realidade humana, uma vez que temos consciência de nossa finitude. Esse traumatismo não tem solução a não ser no reino de nossas ficções. Por isso, temos uma vasta criação cultural que nos oferece respostas para morte capazes de mitigar esse traumatismo.

Essas respostas culturais passam pelos reinos das religiões, dos ritos religiosos, sociais e pessoais que realizamos diante da morte, das produções ficcionais em forma de arte ou do nosso próprio imaginário. A experiência estética nos proporciona pensar em problemas da realidade de outras formas. Na figura 01 posta neste trabalho, Morte fala da falta de preparação das pessoas para sua dádiva, dificilmente pensamos na morte como dádiva.

Mas diante do sofrimento muitos pedem a morte: “as pessoas procurarão a morte, mas não a encontrarão; vão querer morrer, mas a morte fugirá delas.” (Ap, 9, 6). Assim também ocorre em uma das histórias de Morte, quando ela ajuda uma metamorfa a morrer como era o seu desejo diante do sofrimento de sua vida. A Morte de Sandman nos ajuda a refletir sobre morrer como uma dádiva e que morrer é tão natural quanto nascer, é como nascer para um outro mundo, uma nova vida.

Por isso, se faz importante tratar do traumatismo da morte na educação através da experiência estética que uma história de ficção, como as histórias da Morte de Sandaman, pode nos proporcionar como aprendizados para aprender a ser e a viver ao longo da vida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Palavras úmidas:** homenagens, prefácios e outros escritos. Organização: Josineide Silveira de Oliveira, Louize Gabriela Silva de Souza. – 2. Ed., rev., atual. e reduzida. – Natal, RN: EDUFRN, 2019.

ANTUNES, A., FROMER, M., BRITTO, S. Comida. [1987]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hD36s-LiKlg&ab\\_channel=PlanetaTitas](https://www.youtube.com/watch?v=hD36s-LiKlg&ab_channel=PlanetaTitas) Acesso em: 07 ago. 2023.

Bíblia. Português. **Bíblia Sagrada:** Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas Editora, 2011. 1504 p.

CARTOLA. O mundo é um moinho. [1976]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dB6mPGLj2J8&ab\\_channel=Na%C3%A7%C3%A3oOdoSamba](https://www.youtube.com/watch?v=dB6mPGLj2J8&ab_channel=Na%C3%A7%C3%A3oOdoSamba) Acesso em: 07 ago. 2023.

DELORS, Jacques. **Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez Editora, Brasília: MEC/UNESCO, 1998.

GAIMAN, Neil. **Morte.** Tradução de Ana Ban. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

GAIMAN, Neil. **Morte:** Edição definitiva. Arte por Chris Bachalo e Mark Buckingham; tradução por Jotapê Martins. 1. ed. Barueri, SP: Panini Books, 2014.

GUEDES, B., BASTOS, R. Amor de Índio. [1978]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hpC4UTw\\_XQ0&ab\\_channel=Paco63980](https://www.youtube.com/watch?v=hpC4UTw_XQ0&ab_channel=Paco63980) Acesso em: Acesso em: 07 ago. 2023.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética.** Coordenação Maria Cecília Almeida e Silva; organização Paula Padilha; tradução Edgard de Assis Carvalho; Marize Perossi Bosco. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2017.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na Era Planetária:** O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo/SP: Cortez Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Homem e a Morte.** Tradução Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. **O enigma do homem:** Para uma nova antropologia. Tradução de Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1973.

SEIXAS, R.; COELHO, P. Canto para minha morte. [1976]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uS2jEBaC0T8&ab\\_channel=PauloCoelho](https://www.youtube.com/watch?v=uS2jEBaC0T8&ab_channel=PauloCoelho) Acesso em: 15 dez. 2022.